



Fernando Aguerre e o surfe olímpico: uma abordagem antropológica

João Pedro Medeiros¹  
Universidade Federal Fluminense

Resumo

Este artigo tem por finalidade se debruçar sobre a figura de Fernando Aguerre, o argentino que há mais de 30 anos preside a International Surfing Association (ISA), entidade máxima do surfe mundial. Detenho-me, dentre outros materiais, no documentário, produzido e distribuído pela ISA, intitulado “The Impossible Wave: Fernando Aguerre’s quest for Olympic surfing” (2022), que em português pode ser traduzido por “A onda impossível: a busca de Fernando Aguerre pelo surfe olímpico”. A película busca retratar trechos da luta de 27 anos que Fernando Aguerre travou para inserir o surfe nos Jogos Olímpicos. Tal feito foi alcançado em 2016 por ocasião da 129ª Sessão do Comitê Olímpico Internacional (COI), realizada no Rio de Janeiro, palco da edição dos Jogos daquele ano. Surfe, beisebol, caratê, skate e escalada foram selecionados para estrearem os Jogos de Tóquio 2020. A análise não deixa de levar em consideração as relações que Aguerre estabeleceu nesse percurso, notadamente com o alemão Thomas Bach, presidente do COI, e outros agentes e instituições. A hipótese deste trabalho é a de que o documentário, assim como outras produções realizadas em torno da figura de Fernando Aguerre, busca concentrar em torno dele feitos significativos e amplamente sentidos dentro do campo social específico ao surfe esportivo.

Palavras-chave

Surfe. Fernando Aguerre. Jogos Olímpicos. Antropologia.

1. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF) e bolsista Capes. Atualmente, concentra seu trabalho no campo da antropologia da pessoa em interface com estudos sobre corporalidades, emoções e práticas esportivas.

Fernando Aguerre and Olympic surfing: an anthropological approach

Abstract: This article focus on the figure of Fernando Aguerre, the argentine who has been president of the International Surfing Association (ISA), the highest entity of world surfing for more than 30 years. Among other things, I focus on the documentary, produced and distributed by the ISA, entitled *The impossible wave: Fernando Aguerre's quest for Olympic surfing* (2022), which in Portuguese can be translated as “A onda impossível: a busca de Fernando Aguerre pelo surfe olímpico”. The film seeks to portray excerpts from the 27-year struggle that Fernando Aguerre fought to insert surfing in the Olympic Games. This goal was achieved in 2016 on the occasion of the 129th Session of the International Olympic Committee (IOC), held in Rio de Janeiro, the host for that year's edition of the Games. Surfing, baseball, karate, skateboarding and climbing were selected to debut the Tokyo 2020 Games. The analysis does not fail to take into account the relationships that Aguerre established along the way, notably with the german Thomas Bach, president of the IOC, and other agents and institutions. The hypothesis of this work is that the documentary, as well as other productions carried out around the figure of Fernando Aguerre, seeks to concentrate around him significant and widely felt achievements within the specific social field of sport surfing.

Keywords: Surfing. Fernando Aguerre. Olympic Games. Anthropology.

Fernando Aguerre y el surf olímpico: um enfoque antropológico

Resumen: Este artículo pretende centrarse en la figura de Fernando Aguerre, el argentino que ha sido presidente de la International Surfing Association (ISA), la máxima entidad del surf mundial, durante más de 30 años. Entre otras cosas, me centro en el documental, producido y distribuido por la ISA, titulado *The impossible wave: Fernando Aguerre's quest for Olympic surfing* (2022), que en español se puede traducir como “La ola imposible: la búsqueda de Fernando Aguerre por el surf olímpico”. La película busca retratar fragmentos de la lucha de 27 años que Fernando Aguerre libró para insertar el surf en los Juegos Olímpicos. Esta hazaña se logró en 2016 con motivo de la 129ª Sesión del Comité Olímpico Internacional (COI), celebrada en Río de Janeiro, sede de la edición de los Juegos de ese año. El surf, el béisbol, el karate, el skateboarding y la escalada fueron seleccionados para debutar en los Juegos de Tokio 2020. El análisis no deja de tener en cuenta las relaciones que Aguerre estableció a lo largo del camino, en particular con el alemán Thomas Bach, presidente del COI, y otros agentes e instituciones. La hipótesis de este trabajo es que el documental, al igual que otras producciones realizadas en torno a la figura de Fernando Aguerre, busca concentrar en torno a él logros significativos y ampliamente sentidos dentro del ámbito social específico del surf deportivo.

Palabras clave: Surf. Fernando Aguerre. Juegos Olímpicos. Antropología.

Introdução

No dia 31 de julho de 2024, o presidente da *International Surfing Association* (ISA), o argentino Fernando Aguerre, estava acompanhando as provas de surfe dos Jogos Olímpicos de Paris 2024 no Taiti, a mais de 15 mil quilômetros da capital francesa, e compartilhou um vídeo em suas redes sociais. No vídeo, Aguerre tem em mãos a edição do jornal *Tahiti Infos*, do dia anterior, 30 de julho, cuja capa estampa aquela que talvez seja uma das fotografias esportivas mais emblemáticas dos últimos

tempos. A imagem é a do brasileiro, tricampeão mundial, Gabriel Medina comemorando no ar, ao lado de sua prancha, o tubo² que acabara de completar em uma onda densa de Teahupoo contra o japonês Kanoa Igarashi. O feito lhe rendeu a maior nota olímpica do surfe, que foi de 9.90³.

Na mensagem aos seguidores, o presidente da entidade, apontando para a matéria, diz:

Incrível, não? Há registros dessa imagem ao redor de todo o planeta. Estou tão feliz! Imagine: você sonha, sonha, sonha, sonha... E um dia você acorda e a realidade é o seu sonho. Realidade e sonho são a mesma coisa. Mas, nesse caso, é melhor ainda, porque Teahupoo serve ondas maravilhosas [...]. Agora, o mundo inteiro reconhece o valor do surfe (Aguerre, 2024, tradução nossa)⁴.

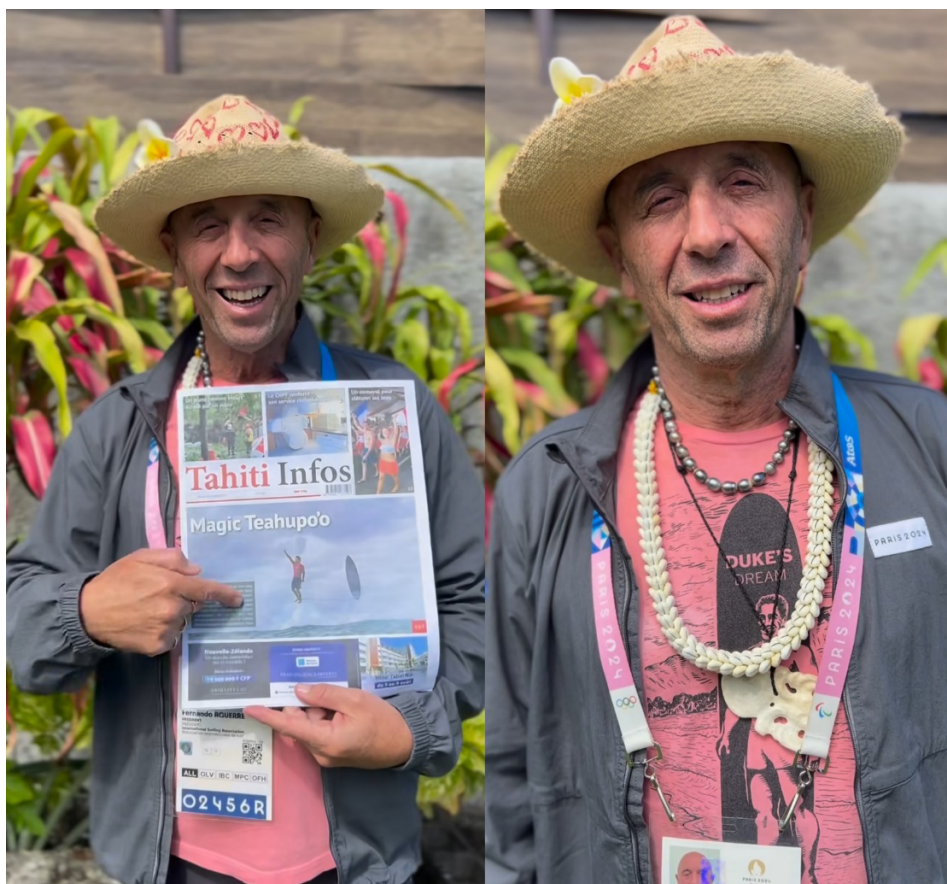
Com a filmagem gravada na vertical, Aguerre posa com um chapéu de palha, com detalhes florais azuis, estampado com corações e coroado com uma flor; no pescoço, ao menos três colares são ostentados; utiliza um casaco cinza escrito “Paris 2024” no peito; e veste uma blusa vermelha desbotada em que figura os dizeres “*Duke’s Dream*” à frente de um surfista havaiano sorridente (Imagem 1). O sonho a que se refere a camisa é o de Duke Kahanamoku (1890-1968), havaiano nativo e reconhecido como “pai do surfe moderno”. Duke foi medalhista olímpico por cinco vezes na natação: três ouros e duas medalhas de prata.

2. Manobra em que o surfista passa por dentro da onda encoberto pela parte da onda que se quebra.

3. Antes da disputa com o atleta japonês, Medina foi o primeiro na bateria composta pelo japonês C. O’Leary e pelo salvadorenho B. Perez. Nas Quartas de Final, Medina passou pelo também brasileiro João Chianca. Nas semifinais, o atleta perdeu para o australiano Jack Robinson, após ficar 17 minutos sem surfar uma onda em função das condições do mar naquele momento. Até o presente momento, o acontecimento gerou um grande debate em torno da imprevisibilidade do mar e o processo de assimilação das piscinas de onda pela empresa esportiva. Na disputa pelo bronze, o surfista brasileiro superou o peruano Alonso Correa e garantiu sua primeira medalha olímpica. Na edição Paris 2024, o ouro olímpico foi para o francês Kauli Vaast e a prata foi para o australiano Jack Robinson.

4. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C-HChFyvjmH/?igsh=MTd3M3R5NHI3MdBjZQ%3D%3D>. Acesso em: 05 ago. 2024.

Imagem 1 – Fernando Aguerre em Teahupoo



Fonte: Instagram @fernandoaguerre.

Nos Jogos Olímpicos de Verão de 1912, realizados em Estocolmo, Duke manifestou seu anseio ao Comitê Olímpico Internacional (COI) de ver o surfe incluso aos esportes olímpicos. Em 2016, mais de 100 anos depois, o sonho de Duke se tornou realidade (Zeni; Brasil, 2021). Na 129ª Sessão do COI, realizada no Rio de Janeiro, palco daquela edição dos Jogos, o alemão Thomas Bach, presidente da organização, anunciou para os Jogos de Tóquio 2020 – adiado para 2021, por conta da pandemia da Covid-19 – a inclusão de cinco novas modalidades: surfe, beisebol, caratê, skate e escalada.

Na atualidade, as figuras de Duke e Fernando se tocam. Concede-se hoje a Aguerre um papel de destaque no processo que se poderia nomear de “olimpiadização” da prática do surfe. No documentário “The Impossible Wave: Fernando Aguerre’s quest for Olympic surfing”, dirigido por Jay Johnson e Jessica Johnson (2022), que em português pode ser traduzido por “A onda impossível: a busca de Fernando Aguerre pelo surfe olímpico”, os dizeres iniciais da película são o seguinte: “O surfe estreou nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. E houve um homem que levou 27 anos para conseguir essa proeza”. O vídeo corta para Aguerre, que fala:

Quando começamos esta campanha há 27 anos, mais de um quarto de século, quando começamos, era impossível. Quero dizer, todos, os meus amigos, o meu irmão, diziam: ‘Você realmente vai gastar energia com isso?’. Antes, vamos surfar [*let’s go surf!*]’ (Johnson, Jay; Johnson, Jessica, 2022, 0 min 10 s, tradução nossa).

A história narrativa do surfe moderno se desenvolveu em torno de uma série de consensos concernentes às conquistas, à percepção da passagem do tempo em “eras” e à existência de tensões inerentes a esse esporte. Notadamente, tais critérios de avaliação coletiva se materializaram nas mudanças tecnológicas (pranchas, quilhas etc.), modificações culturais (*crowd*, localismo etc.) e também nas transformações de desempenho (performance, manobras “agressivas” surfe etc.). Comumente, esse movimento parece estar associado a uma série de personagens importantes à constituição e reprodução do surfe: Duke Kahanamoku, Tom Blake, Mike Dora, Gerry Lopez, Nat Young, Kelly Slater e, mais recentemente, Gabriel Medina, Ítalo Ferreira, John John Florence, dentre outros (Brown; Ford, 2006).

Neste artigo, me debruço sobre um dos personagens mais emblemáticos do surfe contemporâneo: Fernando Aguerre, o sexagenário que está há mais de 30 anos à frente da Associação Internacional de Surfe e é tido como um dos principais responsáveis por inserir o surfe nos Jogos Olímpicos. Na verdade, torno Aguerre e, mais especificamente, trechos de sua trajetória pessoal em objeto de estudo desta investigação.

Servem como fontes desta pesquisa: o documentário acima citado, bem como duas matérias jornalísticas, uma matéria de assessoria de imprensa e um texto escrito para um blog especializado em surfe. O documentário em questão se encontra disponível gratuitamente no site oficial da ISA e também no Youtube; uma das matérias jornalísticas advém do site do Globo Esporte, um dos principais veículos de notícias esportivas no Brasil; a outra matéria foi retirada do site da SportsPro, propriedade da empresa londrina de mesmo nome, que tem foco na indústria esportiva digital. Há ainda a matéria produzida pela assessoria de imprensa do COI, organização internacional que supervisiona os Jogos Olímpicos e o Movimento Olímpico em todo o mundo; a última fonte é proveniente do blog especializado Palavras do Surf e fornece uma perspectiva nativa sobre a conversão do surfe em esporte olímpico.

O recorte do período das publicações e do documentário “The Impossible Wave” – de 2014 a 2023 – recobre toda a janela de eventos significativos que precederam e sucederam o anúncio, em 2016, do surfe como prática inclusa nos Jogos Olímpicos. Quanto ao critério de escolha de tais materiais, foi observado que ele se coaduna com a perspectiva teórico-metodológica deste trabalho – evidenciada a frente –, que compreende que a cultura esportiva de uma determinada prática tende à universalização e à

padronização através da contribuição discursiva da indústria de comunicação de massa (Mezzaroba; Conceição, 2014). Portanto, é notória a articulação entre saberes e fazeres de cada um desses veículos na conformação de um *corpus* coeso quanto à história do surfe moderno.

A perspectiva antropológica é a posição sobre a qual se sustenta esta proposta, isso significa que se pretende compreender a experiência humana do ponto de vista do seu significado ou sentido sociocultural. Portanto, para a efetivação de tal perspectiva epistemológica, julgo ser necessário recorrer ao arcabouço teórico-metodológico da teoria bourdieusiana, sobretudo por meio dos conceitos de “campo”, “agente” e “capital” (cultural, econômico, social, simbólico etc.).

Muito resumidamente, a noção de campo se caracteriza por ser um instrumento de análise capaz de entender práticas específicas e de dominação que se dão dentro de um determinado domínio, um espaço social específico. No interior dos campos, circulam os agentes, que não devem ser encarados nem como indivíduos isolados, governados por suas reflexividades e vontades, e nem como fantoches, sujeitos às estruturas sociais de seus tempos. Há ainda a noção de capital, proveniente da noção de capital econômico marxista, que abrange outras formas de recursos e poder. Os diversos capitais existentes (cultural, econômico, social, simbólico etc.) podem ser acumulados pelos diferentes agentes, a depender de suas posições sociais, e convertidos em diferentes tipos de poder e influência (Mezzaroba; Conceição, 2014). Juntos, tais conceitos lançam luz para a situação de Fernando Aguerre (agente) em seu tráfego social como presidente da ISA (campo), assim como para os recursos (capitais) empregados e adquiridos por ele ao longo desse percurso.

O artigo está estruturado em seis partes, sendo a primeira delas esta Introdução. O tópico a seguir é encarregado de lançar questões de ordem analítica que ajudam a evidenciar a relevância de se debruçar sobre uma figura como Fernando Aguerre. Em seguida, de maneira breve, apresento o perfil do investigado; no seguinte, me estendo sobre o papel de algumas instituições reguladoras do surfe e do esporte. Em “O campo social do surfe”, penúltimo item, elaboro uma interpretação antropológica, a partir do repertório de Pierre Bourdieu, para compreender alguns dos movimentos do presidente da ISA no interior do que “chamo de campo social do surfe”. Concluo com uma breve reflexão a partir do exposto e advogo para a realização de estudos centrados em agentes sociais à compreensão dos fenômenos esportivos.

1 Alguns questionamentos de ordem analítica

O estudo do esporte na antropologia brasileira é o tema do trabalho “Esporte, Lazer e Sociabilidade” de Simone Guedes (2010). Guedes avalia que as subáreas da antropologia urbana e antropologia das sociedades complexas, já tão bem consolidadas, ofereceram jazida de forma pioneira as investigações desenvolvidas no âmbito da temática esportiva. Estar dispersa em agendas de pesquisa e eixos analíticos mais amplos fez da pesquisa antropológica no e do esporte repercutir discussões teóricas circundantes na disciplina. De modo a promover e instigar novos caminhos ao estudo do fenômeno esportivo pela antropologia e a etnografia nacional, a antropóloga questiona:

Que sabemos dos técnicos, juízes, preparadores, médicos, psicólogos? Como se formam e atuam esses profissionais? Há inflexões específicas na formação e na prática desses profissionais em diferentes contextos sociais? (Guedes, 2010, p. 450-451).

De modo similar, em “Como ser desportista?”, Bourdieu (2003) levanta uma sinalização preciosa a consolidação do esporte como problema sociológico:

Parece-me que deveríamos interrogar-nos para começar sobre as condições históricas e sociais de possibilidade desse fenômeno social que aceitamos demasiado facilmente como óbvio, o “desporto moderno”. Quer dizer sobre as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema das instituições e dos agentes directa ou indirectamente ligados à existência de práticas e de consumos desportivos, desde os “agrupamentos desportivos”, públicos ou privados, que têm por função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um desporto determinado ao mesmo tempo que elaborar e fazer aplicar as normas que regem essa prática [...] (Bourdieu, 2003, p. 182).

Com base nisso, pergunto-me então: o que se sabe, por exemplo, sobre Edvaldo Rodrigues, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Thomas Bach, presidente do COI, ou o personagem aqui enfocado, presidente da ISA? Como trabalham e como se movimentam em seus respectivos campos? No que diz respeito ao surfe, que condições sociais e políticas tornaram possível sua consideração como esporte olímpico? O que tornou possível o surfe passar a fazer parte do quadro permanente de esportes dos Jogos Olímpicos?

Nem todas essas questões serão respondidas, mas é com base nelas que prossigo com a análise do documentário e das demais matérias que traduzem o período de “olimpiadização” do surfe. Não é possível deixar de levar em consideração que “The Impossible Wave” é um produto biográfico, isto é, um artefato cúmplice a noção de história de vida. Isso significa que o documentário carrega consigo a premissa de que

a trajetória de Fernando Aguerre é um percurso linear, dotado de direção, propósito e sentido – algo, inevitavelmente, errôneo, mas que se mobiliza de uma determinada maneira, a partir de determinados recursos e corroborado por uma cadeia de agentes pode (e de fato pôde) instaurar a idiossincrasia da “ilusão biográfica” (Bourdieu, 2006).

Ascender ao postulado de sentido narrado por “A Onda Impossível” implica atentar-se ao regime de convencionalidade ali mobilizado e o que se instaura e credibiliza em termos de uma ilusão retórica. A hipótese deste trabalho é a de que Fernando Aguerre busca concentrar em torno de si feitos significativos e amplamente sentidos dentro do campo social específico do surfe esportivo. Me reporto ao que, tentativamente, poderia se chamar de “campo do surfe” e a importância de Aguerre para ele.

2 Sobre Fernando Aguerre

Fernando Aguerre nasceu em 1957 em Mar del Plata, uma cidade a cerca de 383 quilômetros de Buenos Aires, em uma família de classe média. Seu pai era advogado e proprietário de uma grande fazenda, a ele se atribui o “lado da natureza” da família Aguerre, que fez incidir – é possível inferir – atitudes contemplativas e de fruição em relação as paisagens naturais. Sua mãe era advogada e psicóloga. Herda-se dela o “lado empreendedor” – tão importante para os futuros passos de Fernando e seu irmão, Santiago.

Mais central que seus pais, cujos nomes não são mencionados no documentário, o irmão de Fernando, Santiago Aguerre, é trazido à baila como um coadjuvante fundamental para esses primeiros passos. No *cursus* narrativo de “A Onda Impossível”, Santiago cumpre a função de irmão “acolhedor”, que, mais desenvolvido no convívio interacional e nas atividades esportivas, traz Fernando para perto de si a despeito de sua timidez. Sobre isso, Fernando fala:

Muitas vezes, me afastei do oceano. Meu irmão era o único que me puxava de volta para o oceano. De muitas maneiras, o surfe salvou a minha vida e me permitiu continuar ativo. Penso que, por mais terrível que fosse me sentir inseguro e tímido, a certa altura, percebi que era demasiado doloroso ser assim. Então, quis mudar. Em vez de ser tímido, o pêndulo balançou muito para o outro lado. Mas eu precisava fazer alguma coisa quanto a isso (Johnson, Jay; Johnson, Jessica, 2022, 4 min 40 s, tradução nossa).

Indicioso de muitas maneiras, a transcrição acima tonaliza o fio relacional dos irmãos Aguerre – posteriormente sócios de uma empresa – e ajuda a erigir o lugar representacional do surfe como “refúgio” da vida cotidiana (Medeiros, 2025). Além disso,

preludia a mudança, ao nível da personalidade, de um estado de retraimento para um estado de expansividade relacional, algo próximo ao que se apreende hoje de Fernando – muito próximo do que se chamaria convencionalmente de “excêntrico”.

Pouco tempo depois, ao final da década de 70 e início dos anos 80, Fernando começou a organizar eventos e a trabalhar como DJ. É nesse período que, com seu equipamento de som, passa a tocar, nas areias das praias, músicas listadas como proibidas pela ditadura militar argentina, que se iniciou em 1976.

No início de sua “carreira” no surfe, Fernando foi ao mesmo tempo presidente de uma associação de músicos de *surf music* e presidente de uma associação de skate. Não tardou para os irmãos começarem a promover pequenos campeonatos de surfe na cidade e a abrirem, pouco depois, uma *surf shop*: Em 1984, após concluir a faculdade de Direito, ele se muda para a costa oeste dos Estados Unidos da América (EUA) a convite do seu irmão, que havia partido três anos antes. Em São Diego, os Aguerre uniram forças e, com a experiência no mercado do surfe, criaram, com apenas US\$ 4.000 de investimento inicial, a empresa internacionalmente conhecida Reef, dedicada a produzir sandálias e chinelos praianos.

Após se tornar um sucesso de vendas internacionais ao longo de 26 anos de operação, em 2010, os irmãos venderam a empresa. Depois disso, Fernando Aguerre passou a se dedicar a filantropia e a sua gestão na ISA. Quanto ao posto de presidente da ISA, é preciso retroceder ao ano de 1994, momento em que Aguerre ascende ao cargo. Àquela altura, ele já era presidente da Asociación Panamericana de Surf (APAS), instituição ao qual ajudou fundar e presidiu até 2002. Não haviam impedimentos estatutários em ambas as entidades para o ingresso de sua candidatura junto a ISA e, nas eleições para aquele quadriênio, a chapa de Fernando angariou 16 votos dos 31 possíveis. O resultado de sua primeira eleição contrasta e muito com o da última, em 2022, quando Aguerre foi reeleito unanimemente para o seu décimo mandato.

3 ISA, ASP, WSL e COI

Bem antes de Fernando Aguerre ascender à presidência, a Associação Internacional deu os seus primeiros passos. A ISA foi fundada em 1964 sob a nomenclatura International Surfing Federation (ISF) – que permaneceu até 1976 – por ocasião do primeiro campeonato mundial chancelado pela entidade, realizado na Austrália. Sua fundação pode ser considerada um marco crucial à profissionalização da prática, pois, há 60 anos, a ISA abriu caminho à realização de uma série de eventos e se consolidou como a autoridade máxima do surfe mundial.

A International Surfing Association, organizada como uma corporação de benefício público sem fins lucrativos da Califórnia, carrega a missão estatutária de “promover, desenvolver e liderar o surfe em todas as suas formas em todo o mundo, conectando a comunidade global de surf e impulsionando a acessibilidade e a participação universal” (International Surfing Association, 2021, p. 5, tradução nossa). Além disso, a ISA lista um conjunto de objetivos institucionais, dentre os quais despontam a intenção de “Estabelecer e manter uma associação internacional para promover os interesses do surfe em todas as suas formas em todos os países do mundo” e “Reger e regulamentar o surfe e o SUP⁵ nos Jogos Olímpicos e outros eventos multiesportivos internacionais, continentais e regionais” (International Surfing Association, 2021, p. 6, tradução nossa).

A associação é administrada e governada por um Comitê Executivo composto por nove membros, dos quais oito são membros votantes. Compõe-se da seguinte maneira: um presidente que atua como Presidente do Comitê Executivo – Fernando Aguerre, ponto de atenção desta análise; quatro Vice-Presidentes; dois membros titulares; um presidente da Comissão de Atletas; e um Diretor Executivo, que é membro *ex-officio* do Comitê e não possui direito a voto.

Uma pequena amostragem dos perfis que compõe os demais cargos do Comitê Executivo é capaz de evidenciar as principais frentes de investimento institucional da ISA. Por exemplo, a ex-atleta Kirsty Coventry é uma das vice-presidentes da entidade e, além do seu vitorioso histórico como nadadora olímpica pelo Zimbábue, é Ministra da Juventude, Desporto e Artes do governo de seu país e membro do COI, presidindo sua Comissão de Atletas. Outro vice-presidente é o francês Jean-Luc Arassus, que foi eleito pela primeira vez como membro do Comitê Executivo em 2018, quando a constituição da entidade foi modificada para incluir dois cargos para membros regulares e um para a presidência da Comissão de Atletas. Arassus atua como Presidente da Federação Francesa de Surfe, cargo que ocupa desde 2005, e na legislatura atual mediu as relações entre ISA e Paris 2024.

Ao lado de Aguerre, tais nomes, assim como os do japonês Kimifumi Imoto, membro titular, que esteve na gerência esportiva do surfe nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, compõem o quadro deliberativo da instituição de surfe que se impõe internacionalmente a todas as outras federações nacionais. É o Comitê Executivo que detém o poder de realizar ou fazer com que sejam feitos todos os trâmites necessários à implementação adequada dos objetivos da ISA, além de caber a ele o poder de delegação da gestão de suas atividades (International Surfing Association, 2021, p. 12-13).

5. SUP é a abreviação para *Stand Up Paddle*, uma espécie de remo em pé ou de surfe com remo.

Em 1995, logo após ser eleito, Aguerre se reuniu com o então presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, na Suíça, onde estabeleceu que a inclusão do surfe nos Jogos Olímpicos seria uma prioridade estratégica da Associação. O reconhecimento olímpico veio pouco depois e, desde a reunião com Samaranch, a ISA tem dado importantes passos para o desenvolvimento global do esporte, estimulando e tornando viável a abertura de federações nacionais em mercados pouco tradicionais ao surfe, como Irã, Serra Leoa e Rússia (Agora [...], 2016).

Na atualidade, o surfe se organiza da seguinte maneira: de um lado, existe a International Surfing Association, responsável por organizar e promover o surfe amador, em suas distintas variações, ao redor do mundo; de outro lado, há a Association of Surfing Professionals (ASP), denominada anteriormente de International Professional Surfers (IPS), designada a organização e fomento do surfe profissional entre os diferentes continentes. A partir de 1990, a ASP passou a estruturar o surfe competitivo mundial, masculino e feminino, em duas divisões: World Championship Tour (WCT) e World Qualifying Series (WQS). Há menos de 10 anos, em 2015, a ASP foi adquirida por uma empresa privada e passou a se chamar World Surf League (WSL), a qual controla todos os circuitos mundiais de surfe masculinos e femininos.

De acordo com o documentário, foi necessário a realização de um acordo entre ASP e ISA na década de 90 para que o “sonho de Duke” ganhasse os seus primeiros contornos. O episódio ocorreu ainda na primeira gestão de Aguerre. Sobre isso, ele fala:

Em 1996, eu já havia procurado e obtido o reconhecimento olímpico. [...] Era impossível termos a chance de estarmos nos Jogos Olímpicos se não tivéssemos os melhores atletas e não apenas as equipes nacionais na ISA. Então, me dei conta de que era essencial ter os melhores profissionais nas suas equipes. Comecei então a negociar com a ASP, quando ASP e ISA não falavam um com a outra – havia uma espécie de animosidade entre elas – e fechamos um acordo. E o acordo era que eles permitiriam que seus surfistas competissem nas seleções nacionais e a ISA mudaria o nome do Campeonato Mundial de Surf da ISA para Jogos Mundiais de Surf da ISA. Portanto, haveria só um campeão mundial na divisão aberta (Johnson, Jay; Johnson, Jessica, 2022, 9 min 30 s).

Muito embora no site da ISA conste 1997 como o ano de obtenção do reconhecimento olímpico da ISA como federação internacional de surfe, a relação profissional estabelecida entre a Associação Internacional de Surfe e a ASP, aprofundada posteriormente com a WSL, pode ser considerada um momento de inflexão na institucionalização do surfe competitivo. A partir daí, enquanto a World Surf League passou a comercializar junto aos seus parceiros comerciais – diga-se de passagem, grandes *players* do mercado internacional, como Apple, Banco do Brasil, Red Bull e outros – etapas do

circuito internacional de modo a proporcionar a maior plataforma mundial para que os atletas se apresentem, a ISA se beneficiou de tal arranjo de modo a levar tais atletas às Olimpíadas a partir das suas respectivas nações.

Esse é o momento em que agentes e instituições se confundem, assim como ações individuais e movimentos institucionais. É por tal razão que se faz pertinente, além de lançar luz a alguns conceitos chaves ao desencadeamento deste artigo, prosseguir com o *cursus* argumentativo.

4 O campo social do surfe

Um parêntese é necessário aqui. É notória a ausência de informações e dados mais profundos com relação aos aqui dispostos tanto no site da ISA quanto na própria internet sobre antecedentes dessa entidade. O mesmo pode ser dito sobre Fernando Aguerre. Desse modo, esta análise, ao se inspirar em uma matriz bourdieusiana – perspectiva interessada na genealogia histórica do surgimento de determinados fenômenos sociais –, encontra dificuldades de prosseguir com o questionamento das condições sociais que permitiram o aprofundamento da institucionalização desse esporte e a sua consequente transformação em uma realidade específica (Bourdieu, 2003). A saída encontrada foi tratar como material empírico a produção biográfica que gira em torno da figura de Fernando Aguerre, sobretudo o documentário, e, a partir daí, questioná-la e problematizá-la.

Quais são os sentidos e significados que a “luta” de Aguerre por um surfe olímpico assumiu? Em que contexto o surfe se tornou efetivamente um esporte olímpico? Que outros agentes estiveram inseridos e em interação para que se confirmasse a troca de “estatuto” do surfe?

Na esteira de tais inquietações, é imprescindível trazer novos questionamentos de Bourdieu endereçados ao desvelamento analítico do problema esportivo:

Como se constituiu, progressivamente, este corpo de especialistas, que vivem directamente ou indirectamente do desporto [...]? E mais precisamente, quando foi que este sistema de agentes e de instituições começou a funcionar como um *campo de concorrência* onde se afrontam agentes com interesses específicos, ligados à posição que neles ocupam? (Bourdieu, 2003, p. 182-183).

A partir do material encontrado e recortado aos propósitos desta análise, não vejo outra maneira se não tratar o momento de inserção de Aguerre à presidência e os seus passos subsequentes como a de um agente social que trafega no interior de um campo. Neste caso, o campo do surfe pode ser visualizado como disposto na passagem acima: um sistema de agentes e instituições que se defrontam e se afrontam a partir das posições que ocupam e em vista das posições que almejam.

Talvez a maneira mais propícia para abordar o complexo fenômeno da institucionalização esportiva do surfe seja por meio de uma análise integrativa. Segundo Alan Tomlinson (2004) em “Pierre Bourdieu and the sociological study of sport”, a chave da perspectiva bourdieusiana reside no fato de que qualquer esporte – do mais ao menos popular – não pode ser levado em consideração isoladamente. Para o autor, as atividades esportivas apresentam a si mesmas como conjuntos de possibilidades objetivamente constituídas, com valores e sentidos históricos. Desse modo, a análise sociológica – inclui a antropológica – requer do investigador a (permanente) habilidade de realizar e propor conexões para que a prática do esporte e os seus significados sejam entendidos como parte da totalidade sociocultural. Isso significa que uma análise integrativa da realidade é capaz de identificar continuidades e rupturas na formação e no sentido de um dado esporte (Tomlinson, 2004).

No estudo dos processos de reprodução social, conjuntivas ou disjuntivas, é imprescindível assinalar a centralidade que desempenham os agentes e suas agências. Do ponto de vista da teoria estruturalista, os agentes são o produto de uma determinada estrutura e, continuamente, contribuem para fazê-la e refazê-la, inclusive transformando-a radicalmente de dentro (Tomlinson, 2004). É por essas lentes que se deve olhar não somente o personagem aqui investigado, o argentino Fernando Aguerre, mas também o alemão Thomas Bach, ex-atleta medalhista e presidente do COI desde 2013.

Pode-se dizer que a eleição de Bach foi fundamental para a introdução do surfe nas Olimpíadas, assim como para o beisebol, caratê, skate e a escalada. Apenas um ano depois da posse do novo presidente, em 2014, o Comitê Olímpico aprovou por unanimidade, na 127ª sessão da entidade, uma moção específica que deu à cidade anfitriã o poder de pedir a inclusão de novos esportes, como parte das reformas feitas sob a Agenda Olímpica de 2020 (Por unanimidade [...], 2014).

A “troca de guarda” no comando do COI foi a oportunidade que Aguerre aguardava há anos. A ascensão de Bach, sob o lema “mudar ou ser mudado”, criou as condições necessárias para que o discurso a favor da revitalização do movimento olímpico se encontrasse ao antigo “sonho de Duke”, reformulado e propagado a imagem de Aguerre. Para a ISA, isso significou lutar pela inclusão do surfe em vários eventos multiesportivos regionais e continentais ao longo de 2015 para chamar a atenção dos *stakeholders* olímpicos (Sim, 2023). Nesse mesmo ano, o Comitê Organizador de Tóquio 2020 fez um convite à ISA para que ela candidatasse o surfe como um dos novos esportes.

Em entrevista concedida em 2023, Aguerre reanalisou o período que antecedeu a fatídica 129ª Sessão do COI, quando o Comitê anunciou a inclusão dos cinco novos esportes:

Eu realmente não precisava reempacotar o esporte. Nós só precisávamos apresentar o esporte e torná-lo mais conhecido. Para os europeus no movimento olímpico, o surfe não estava realmente diante de seus olhos (Sim, 2023, [n.p.], tradução nossa).

Na mesma entrevista, ele apresentou suas impressões acerca das Olimpíadas antes da posse de Bach:

Nos primeiros 15 a 18 anos da minha luta para levar o surfe as Olimpíadas, senti que o movimento olímpico estava muito cansado. Ocasionalmente, um novo esporte como vôlei de praia aparecia, mas isso já fazia parte da federação de vôlei. Uma coisa é trazer uma nova disciplina de uma coisa já estabelecida, mas outra é trazer um novo esporte e federação, e certamente uma cultura completamente diferente (Sim, 2023, [n.p.], tradução nossa).

Discursivamente, o “cansaço” do movimento olímpico contrasta com o tipo de *ethos* sistematicamente atribuído ao surfe: algo jovial, “descolado”, tal qual Fernando em sua indumentária e formas de ser, detentor não somente de qualidades esportivas, mas de um *lifestyle*. Especificamente sobre isso, Aguerre disse: “Aqui, você tem um esporte como o surfe que vem com música, cultura, moda, estilo de vida, mensagens ambientalistas – muitos valores que fazem parte do mundo hoje”. Ele conclui da seguinte maneira: “Você vai à praia e todo mundo se veste como surfista. As pessoas não se vestem como esgrimistas ou boxeadores nas ruas” (Sim, 2023, [n.p.], tradução nossa).

O apelo às imagens de juventude de Aguerre parece se coadunar com o espírito de renovação defendido pelo Conselho Executivo do COI. Em um dos trechos da declaração dada pelo presidente do Comitê na sessão ocorrida no Rio de Janeiro, em 2016, a premissa acima fica evidente:

Queremos levar o esporte aos jovens. Com as muitas opções que os jovens têm, não podemos mais esperar que eles venham automaticamente até nós. Temos que ir até eles. [...] Juntos, os cinco esportes são uma combinação inovadora de eventos estabelecidos e emergentes, focados nos jovens, que são populares no Japão e que contribuirão para o legado dos Jogos de Tóquio (International Olympic Committee, 2016b, [n.p.], tradução nossa).

Na conclusão de seu discurso, Bach fez prospecções ao devir e relembrou as origens das Olimpíadas:

Estamos em um momento importante em que podemos moldar nosso futuro. Como nosso fundador Pierre de Coubertin explicou, o Olimpismo é uma peregrinação ao passado e um ato de fé no futuro. Agora é a hora de ter fé no futuro (International Olympic Committee, 2016a, [n.p.], tradução nossa).

Um “ato de fé no futuro” é nada menos que a adequação, no presente, das Olimpíadas às novas e mais recentes demandas sociais que se constituíram com força internacional: equidade de gênero, preocupações socioambientais, sustentabilidade e por aí vai.

O foco no futuro também se caracteriza pela necessidade institucional de tornar os Jogos Olímpicos economicamente viáveis e atrativos às novas gerações de consumidores. Por exemplo, no Relatório da Comissão do Programa Olímpico de Tóquio 2020 (International Olympic Committee, 2016c), uma sessão foi destinada a explicar de que maneira como cada novo esporte para aquela edição poderia agregar valor ao movimento olímpico.

No que diz respeito ao surfe especificamente, o Relatório aposta que o legado do esporte aos Jogos Olímpicos será o de trazer inovação e estilo, “[...] ajudando a aumentar a participação, incentivar estilos de vida ativos e criar um legado comercial genuíno [...]” (International Olympic Committee, 2016c, p. 42, tradução nossa)⁶.

De qualquer forma, passado os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020, e os de Paris, em 2024, têm-se também a confirmação da presença do surfe na edição dos Jogos de 2028, que ocorrerá em Los Angeles, na Califórnia (EUA). Com a confirmação, o esporte entrou no quadro permanente das Olimpíadas. Com isso, os efeitos de se tornar um esporte olímpico são amplamente sentidos no campo social do surfe. Mas, afinal, o que significa “campo social” em termos teóricos? Em “An invitation to reflexive sociology”, Bourdieu e Wacquant (1992) definem “campo” da seguinte maneira:

[...] uma rede, ou uma configuração, de relações objetivas entre posições. Essas posições são objetivamente definidas, na sua existência e nas determinações que impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação no presente ou em potencial (*situs*) na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo, bem como por sua relação objetiva com outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.) (Bourdieu; Wacquant, 1992, p. 97, tradução nossa)⁷.

Muito valorosa ao estudo aqui alçado, a definição de campo não deixa de levar em consideração a maneira pela qual um espaço se organiza não em termos de uma estrutura monolítica, mas em função de suas relações e interações, sempre móveis. Há um

6. Trecho original: “[...] helping to increase participation, encourage active lifestyles and create a genuine, longlasting commercial legacy [...]”.

7. Trecho original: “[...] a field may be defined as a network, or a configuration, of objective relations between positions. These positions are objectively defined, in their existence and in the determinations they impose upon their occupants, agents or institutions, by their present and potential situation (*situs*) in the structure of the distribution of species of power (or capital) whose possession commands access to the specific profits that are at stake in the field, as well as by their objective relation to other positions (domination, subordination, homology etc.)”.

outro fator aí incluso: a distribuição desigual de poder. O acesso aos lucros específicos que estão em jogo no quadro de interações de um determinado campo coloca em relevo as capacidades individuais ou grupais na busca pela definição de situações, controlando-as ou modificando-as (Tomlinson, 2004).

Até aqui foi possível visualizar como Fernando Aguerre pôs a serviço de sua *persona* pública o aparato institucional da ISA, sendo o documentário um dos produtos de sua intencionalidade rumo à angariação de distintos capitais. Para Tomlinson (2004), o grau de capital disponível aos agentes é determinante para a extensão do controle sobre si e sobre os demais. Por isso, é crucial pensar, tal qual Bourdieu, na diversidade de capitais disponíveis às relações que se estabelecem no interior de um determinado campo: capital cultural, capital econômico, capital educacional/informacional, capital simbólico etc.

Em “The Impossible Wave”, uma série de atletas manifestou suas opiniões sobre a “olimpiadização” do surfe (Johnson, Jay; Johnson, Jessica, 2022, 0 min 24 s). A brasileira e medalhista olímpica Tatiana Weston-Webb disse, por exemplo: “Nunca imaginei que o surfe poderia estar nos jogos olímpicos”. Carissa Moore, campeã mundial e medalhista olímpica pelos EUA, declarou que “As Olimpíadas nunca foram nem um sonho para mim porque não eram tangíveis”. O surfista francês e atleta olímpico Michel Bourez deu um dos pronunciamentos talvez mais significativos sobre *topos* – localização tanto física quanto social de um agente – a que Aguerre busca ou ao menos aparenta se posicionar: “Nunca pensei que o surfe estaria nas Olimpíadas. Fernando é a razão pela qual estamos todos lá”.

Considerações finais

Na segunda metade do século XX, o surfe reconheceu um amplo processo de esportivização. Isso implicou a ampliação e transformação da prática corporal em uma atividade esportiva de caráter competitivo (Zeni; Brasil, 2021). Segundo Jean-Marie Brohm (1982) em “Sociología política del deporte”, a institucionalização esportiva é regulamentada e regida por alguns princípios, são eles: organização burocrática, rendimento, hierarquização e publicidade. Neste artigo, ao centrar a análise em Fernando Aguerre, foram cotejados aspectos concernentes tanto a burocratização da entidade – a origem da ISA e o tipo de relação estabelecida com outros órgãos reguladores – quanto da publicidade, haja vista que uma das fontes deste estudo foi o documentário coproduzido e distribuído pela Associação Internacional de Surfe.

Como defende Bourdieu (2003), o campo das práticas esportivas é o lugar em que se colocam em jogo o monopólio da imposição da definição legítima de tal ou qual esporte, assim como de suas funções legítimas: amadorismo *vs.* profissionalismo;

esporte enquanto prática vs. esporte enquanto espetáculo etc. (Bourdieu, 2003, p. 159). Fernando Aguerre, ao se erigir como um dos principais expoentes da atualidade no que diz respeito à institucionalização da prática e se vincular a determinados agentes cruciais aos seus objetivos, ajuda a dilatar a posição do surfe como esporte e, além disso, faz concentrar sobre sua figura o “capital de realização” de determinados feitos.

A partir da chave analítica mobilizada neste artigo, foi possível identificar um momento de inflexão no processo de esportivização do surfe, ou seja, quando esta prática aquático-corporal e popular passou a contar com regras, um corpo de especialistas e entidades reguladoras que estivessem em observância ao Comitê Olímpico Internacional. Esse processo culminou com a mudança de finalidades e interesses da prática em questão, muito alheias àquelas que estiveram em jogo na popularização do surfe em meados do século passado. O estudo praxiológico dos agentes sociais esportivos pode contribuir ao desvelamento compreensivo de como práticas corporais específicas se tornam esportes e, com isso, suas funções e significados variam ao longo do tempo.

Referências

AGORA é oficial: o surf é um esporte olímpico! **Palavras do Surf** (online). [s.l.], 2016. Disponível em <https://palavrasdosurf.wordpress.com/2016/08/05/agora-e-oficial-o-surf-virou-esporte-olimpico/>. Acesso em: 30 ago. 2024.

AGUERRE, Fernando. **Words from my heart from Teahupo'o Maururu!!!** Taiti: Teahupo'o. Instagram: @fernandoaguerre. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C-HChFyvjMH/?igsh=MTd3M3R5NHI3MDBjZQ%3D%3D>. Acesso em: 05 ago. 2024.

BOURDIEU, Pierre. O que é ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003. 208p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Cambridge: Polity Press, 1992. 348 p.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporten**. México: Fondo de Cultura Económica, 1982. 320p.

BROWN, David; FORD, Nick. **Surfing and Social Theory: experience, embodiment and narrative of the dream glide**. London: Routledge, 2006. 216p.

GUEDES, Simoni Lahud. Esporte, lazer e sociabilidade. *In*: DUARTE, Luiz Fernando Dias; MARTINS, Carlos Benedito (Org.). **Antropologia**. Coleção Horizontes das Ciências Sociais no Brasil, São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 431-456.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **129th IOC Session opens in Rio de Janeiro**. IOC News (online). [s.l.], 1 ago. 2016a. Disponível em: <https://www.olympics.com/ioc/news/129th-ioc-session-opens-in-rio-de-janeiro>. Acesso em: 29 ago. 2024.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **IOC approves five new sports for Olympic Games Tokyo 2020**. IOC News (online). [s.l.], 3 ago. 2016b. Disponível em <https://www.olympics.com/ioc/news/ioc-approves-five-new-sports-for-olympic-games-tokyo-2020>. Acesso em: 29 ago. 2024.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Games Tokyo 2020 Proposal on new sports**: Olympic Programme Commission Report. Château De Vidy: Switzerland, julho, 2016c. 100 p. Disponível em: https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/161871/olympic-games-tokyo-2020-tokyo-2020-ocog-proposal-on-new-sports-olympic-programme-commission-report-_lg=en-GB. Acesso em: 30 ago. 2024.

INTERNATIONAL SURFING ASSOCIATION. **Constitution of the International Surfing Association (ISA)**. [s.l.]: [s.n.], 2021. 37 p. Disponível em: www.isasurf.org. Acesso em: 15 ago. 2024.

JOHNSON, Jay; JOHNSON, Jessica (Dir.). **The Impossible Wave**: Fernando Aguerre's quest for Olympic Surfing. Distribuído por International Surfing Association. [s.l.]: [s.n.], 2022. 1 vídeo (40 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TppKPeGSuCM>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MEDEIROS, João. O lugar representacional do surfe: notas antropológicas sobre a autobiografia de William Finnegan. *In*: SANTOS, Luís Felipe dos; *et al.* (Org.). **Anais do IV Simpósio Descendente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ**. Rio de Janeiro, RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2025. p. 628-633.

MEZZAROBBA, Cristiano; CONCEIÇÃO, Daniel. "Os herdeiros": questões sobre o campo esportivo. Florianópolis: **Revista Linhas**. v. 15, n. 29. p. 317-340, 2014.

POR UNANIMIDADE, COI aprova agenda com 40 mudanças nas Olimpíadas. **Globo Esporte** (online). Mônaco, 8 de dez. 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2014/12/por-unanimidade-coi-aprova-agenda-com-40-mudancas-nas-olimpiadas.html>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SIM, Josh. ISA president Fernando Aguerre on surfing's Olympic status, why IOC funding is unfair, and SUP's LA28 ambitions. **SportsPro** (online). [s.l.], 2023. Disponível em: <https://www.sportspromedia.com/insights/features/isa-president-fernando-aguerre-surfing-olympics-ioc-funding-sup-la28-interview/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

TOMLINSON, Alan. Pierre Bourdieu and the Sociological Study of Sport: Habitus, Capital and Field. *In*: GIULIANOTTI, Richard. **Sport and Modern Social Theorists**. Hampshire: Palgrave, 2004. p. 161-172.

ZENI, Alexandre; BRASIL, Vinicius. O surfe enquanto esporte contemporâneo: do “lifestyle” aos jogos olímpicos. *In*: SILVA, Bruno; PALMEIRA, Marcus (Org.). **Surf Contemporâneo: base científica por trás das ondas**. Curitiba: Editora CRV, 2021. p. 37-50.